

Diálogo de alteridades: o discurso do outro no ensino-aprendizagem de língua inglesa

Raulino Batista Figueiredo Neto¹

Resumo:No presente trabalho, nos propomos a discutir a importância do dialogismo bakhtiniano, quanto aos aspectos relacionados ao discurso do outro e as interações verbais, como constitutivo das enunciações na língua-alvo. Para tanto, nos baseamos na análise das noções de diálogo, enunciação e discurso presentes na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Mikhail Bakhtin (2010), associando-as a conceitos seminais da área do ensino de línguas, tais como interlíngua e *scaffolding*. A constatação advinda dessa análise sugere que o trabalho desenvolvido no ensino-aprendizagem de língua inglesa apenas logrará êxito se estiver vinculado a uma perspectiva que admita as interações dialógicas como atributo socialmente construído.

Palavras-chave: Dialogismo. Enunciações. Discurso. Língua-alvo.

¹ Professor Auxiliar do curso de Letras com Inglês da Uneb (Campus XIV), Mestrando em Língua e Cultura pela UFBA. E-mail: <raulnet-to1@yahoo.com.br>.

Dialogue of othernesses: the discourse of the other in the teaching-learning of english language

Abstract: In the present paper we intend to discuss the relevance of the bakhtinian dialogism, with regard to the discourse of the other and the verbal interactions, as constitutive to the utterances in the target-language. Therefore, we based ourselves on the analysis around the definitions of utterance and discourse present in the book *Marxism and the Philosophy of Language* by Mi-khail Bakhtin (2010), linking them to the seminal concepts in the field of language teaching, such as inter-language and scaffolding. The finding originated from this analysis points out that the efforts developed in the teaching-learning of English language, will only be successful if it is linked to a perspective which assumes the dialogic interactions as a socially constructed feature.

Keywords: Dialogism. Utterances. Discourse. Target-language.

Introdução

Partindo de uma concepção de diálogo como fenômeno socialmente construído, nos parece adequada a associação dos preceitos dialógicos de Bakhtin ao desenvolvimento comunicativo na língua-alvo. Dito de outro modo, entendemos que o processo comunicativo materializado nas interações dialógicas típicas da sala de língua inglesa (LI daqui por diante) associa-se, de modo flagrante, à perspectiva bakhtiniana na qual

[...] a unidade real da língua que é realizada na fala (*Spracheals Rede*)² não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a enunciação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo (BAKHTIN, 2010, p. 152).

Inscrevendo-nos nessa lógica e admitindo ser este postulado originalmente relacionado ao dialogismo presente no sistema linguístico da língua materna, tomamos esse construto como sendo aplicável, também, ao ensino-aprendizagem de LI, o qual constitui-se pelo e no diálogo, o que, aliás, nos permite entender que há, na citação de Bakhtin, uma grande margem para a instauração de diálogos entrelinguísticos e socioculturais, o que nos permite, portanto, a adoção do postulado bakhtiniano como condição *sine qua non* para a noção dialógica que nos propomos tratar.

A reflexão em torno do dialogismo discursivo em Bakhtin nos permite entrever a noção de alteridade

² As expressões em itálico, em questão e as demais, são do próprio autor.

como sendo intrínseca às práticas enunciativas nas quais se revelam locutor e interlocutor e, para quem, a palavra serve como meio de expressão e representação. Nesse sentido, tomamos a palavra e, por seu intermédio, enunciamos, colocando-nos, assim, irrevogavelmente, como o outro do discurso. A esse respeito (BAKHTIN, 2010, p.117) assinala que

[...] toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte* (grifos do autor).

Assim, tomar a palavra, enunciá-la, é construir junto ao interlocutor a noção de alteridade no discurso, conferindo-lhe substância e identidade. É, pois, segundo essa lógica que o autor afirma: “Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*” (BAKHTIN, 2010, p. 117, grifos do autor). E é justamente essa seara, a da alteridade discursiva bakhtiniana, que vislumbramos no ensino-aprendizagem de LI.

Tomando a sala de aula de língua como a arena discursiva por excelência e entendendo-a como a instância privilegiada em que são produzidas as enunciações na língua-meta, deparamo-nos com a produção de práticas dialógicas permeadas por diferentes tipos de alteridades discursivas, onde diferentes vozes são postas em relação. Tendo em vista que a constituição do discurso é dependente do diálogo entre locutor e interlocutor e admitindo que cada locutor carrega consigo formas distintas de expressar-se na palavra, faz-se mister a compreensão desse indivíduo como alguém

potencialmente fadado à diferença, à dissensão dialógica, elemento intrínseco à trama discursiva materializada quando nos pomos a falar e que marca a nos-sa oposição constante em relação ao outro. Dito isto, entendemos que o ato comunicativo é, por excelência, um processo no qual negociamos significados e fazemos revelar, pela língua, a diferença. É, pois, do lugar que enunciamos e da ideologia em nós alojada que marcamos a oposição em relação ao nosso interlocutor. A expressão-enunciação do falante é sempre portadora de sua diferença em relação ao Outro do discurso, sendo esta revelada no ato enunciativo. Desse modo, entendemos que a (de)marcação das identidades discursivas, isto é, de um *Ego* e de um *Alter* dialógico se depositaria das circunstâncias em que são realizadas essas enunciações, isto é, o contexto em que são produzidas as interações verbais. A esse respeito (BAKHTIN, 2010, p. 116) pontua:

Qualquer que seja o aspecto da expressão--enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, *pela situação social mais imediata* (grifo do autor).

Associando essa afirmação à instância do ensino-aprendizagem de LI, observamos que as condições reais da enunciação a que Bakhtin se refere encontram na LI (a língua do Outro) o contexto no qual uma nova alteridade é vivenciada. Dito de outro modo, o que verificamos, nessa instância, é a língua do Outro materializada nas trocas e negociações verbais imediatas. Nesse sentido, entendemos que a prá-

tica enunciativa na língua-meta, muito além de implicar no desenvolvimento linguístico-comunicativo dos aprendizes, contribui para o surgimento de outro tipo de falante, daquele que transita entre línguas-culturas distintas e que constitui, por essa razão, uma espécie de meta-alteridade. Tal assertiva resulta da constatação de que se a Outridade no discurso é apanágio imanente das relações dialógicas presentes na língua, pois se a diferença é o que marca o lugar de locutores e locutários, isto implica que o aprendiz de LI, portador de visões de mundo e formas de expressão já cristalizadas na língua materna, põe em relação, no fluxo de seu discurso, ao menos dois tipos de alteridade: a alteridade presente nas interações verbais típicas da língua materna e a alteridade representada pela “estrangeiridade” da língua-meta.

Desse modo nos questionamos: o que é afinal a língua-meta senão uma língua “estranha”, a língua de outro? Diante dessa indagação, admitimos que a prática discursiva na LI é essencialmente uma atividade de meta-alteridade, haja vista que na prática dialógica em LI, o aprendiz já traz consigo, como resultado de suas interações na língua materna, a experiência como locutor e locutário de sua própria língua. Assim, compreendemos que a experiência advinda das posições que o sujeito ocupa no discurso (ora como locutor, ora como locutário) lhe impõe, desde o início, o exercício da alteridade. Nesse sentido, o binômio que apresentamos (locutor e locutário) faculta ao indivíduo uma espécie de movimento, permitindo-lhe o exercício do discurso num outro discurso. Isto posto, entendemos que esse aprendiz não chega à prática da língua-meta como tábula rasa, já há nesse

sujeito o exercício da alteridade advindo de sua própria língua. Nas trocas comunicativas de LI, este indivíduo será, portanto, o Outro do Outro. Dito de outra forma, o aprendiz repete na LI o mesmo processo linguageiro de sua língua materna, transpondo-o ao nível da aprendiza-gem na língua-meta.

O discurso do Outro e o Outro do discurso

A assunção de que a perspectiva dialógica, ora apresentada, alinha-se ao contexto de ensino-aprendizagem de LI apoia-se, sobretudo, na lógica constituída por Bakhtin e que parece acenar para uma espécie de construto metalinguístico. O que observamos ao longo do processo de produção na LI é uma perspectiva na qual aprendizes/usuários³ atuam metalinguisticamente, isto é, lançando mão do diálogo já existente entre locutor e interlocutor como repositório de suas interações comunicativas. Tal afirmação pode ser melhor ilustrada a partir dos numerosos estudos relacionados ao fenômeno da *interlíngua*⁴ os quais trazem à baila grande parte das características (vocabulares e morfossintáticas) representativas do código da língua materna do aprendiz e materializadas quando da interação em LI. Similarmente ao que vimos expondo

3 O emprego do termo usuário, que aqui tomamos, relaciona-se com a assunção de que o aprendiz de língua inglesa é também um falante dessa língua, haja vista que este é, também, produtor de significados e de interações verbais na língua-meta.

4 A *interlíngua* refere-se à língua produzida por aprendizes e que carrega traços dos dois sistemas linguísticos (o da língua materna e o da língua-alvo), sendo, desse modo, compreendida como um sistema em si mesmo, uma língua de passagem.

e a respeito do discurso de outrem, o autor afirma: “[...] é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação na enunciação” (BAKHTIN, 2010, p. 150). Nesse sentido, divisamos no discurso de outrem de que nos fala Bakhtin uma clara relação entre aprendi-zes de LI (enunciadores) e a operacionalização de suas construções discursivas, as quais não ocorrem sem a utilização do que nos parece uma metalinguagem. Não raro encontramos falantes de LI, sobretudo os que ain-da não transpuseram a língua de passagem representa-da pela interlíngua, agindo de modo recursivo, sendo este recurso representado pelo manancial de sua expe-riência linguística na língua de berço, na língua mater-na, onde se precipitam experiências de partilha do dis-curso e de trocas comunicativas, sendo o nascedouro do eu e do outro no diálogo.

Esse modo de entender o discurso nos possibilita uma vinculação imediata a um dos conceitos seminais da área da Teoria Sociocultural chamado *scaffolding*. O termo em questão associa-se, fundamentalmente, à afirmação de Ellis (2008, p. 234), para quem “[...] a cognição precisa ser investigada sem separá-la do contexto social.” Ainda segundo essa perspectiva, a Teoria Sociocultural “vislum-bra a aprendizagem, aí se incluindo a aprendizagem de língua, como algo dialogicamente situado” (ELLIS, 2008, p. 234). Tomando essa noção do *dialogicamente situado* como análogo ao dialógico em Bakhtin, entendemos que o processo de aquisição da língua-alvo só se dá através do outro do discurso. É, pois, através dessa compreensão que Artigal (1992) afirma: “O dispositivo de aquisição da língua está situado na interação que ocorre entre falantes

ao invés de acontecer na mente do aprendiz” (ARTIGAL, 1992 apud ELLIS, 2008). Assim admitimos que a aprendizagem/aquisição de uma língua estrangeira não se estabelece individualmente, isto é, o desenvolvimento na língua só ocorre codiscursivamente.

Dito isto, podemos compreender a prática discursiva na LI como algo condicionado a uma partilha interindividual, na qual a existência de um “eu” apenas se faz possível pela relação com o outro. A esse respeito Ellis (2008, p. 233) assevera: “A aquisição de uma L2 não é um processo de base puramente individual, mas partilhado entre o indivíduo e os outros”. É justamente essa constatação que nos faculta a adoção dos preceitos bakhtinianos como basilares para o desenvolvimento e a produção na língua-alvo. Desse modo, temos na definição da noção de *scaffolding* uma espécie de elo entre a proposta de Bakhtin e àquela relacionada ao ensino-aprendizagem de LI. Segundo Ellis (2008, p. 235):

O *Scaffolding* é um processo inter-psicológico através do qual um falante (fluyente ou não) auxilia outro falante (não fluyente) a apresentar uma habilidade a qual eles ainda não produzem independentemente.

É justamente nesse raciocínio que divisamos o discurso como a amálgama de alteridades, como o duplo da língua.

De modo similar, Bakhtin (2010, p. 116) destaca que: “[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados [...]”. Isto posto, entendemos que as relações constituídas no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, muito mais

do que reconhecerem o discurso do Outro, devem admitir que os diferentes sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem de LI estão inscritos em múltiplos lugares sociais, os quais são definidores de suas práticas discursivas. Assim, a perspectiva dialógica que aqui adotamos é instauradora da descoberta do Outro do discurso, daquele que se deixa revelar na interação verbal a partir de suas enunciações. Dessa forma, o ensino-aprendizagem de LI, inscrito na perspectiva dialógica bakhtiniana, estabelece, para além do reconhecimento do discurso do próximo linguístico, a descoberta de diferentes vozes, elementos que emanam do discurso e que se materializam sob a forma de enunciação.

Admitindo o construto bakhtiniano como fundamental para a compreensão da dinâmica presente no ensino-aprendizagem de LI, devemos, na condição de professores de língua estrangeira, viabilizar a instauração de um ensino que promova uma apropriação do discurso na língua-alvo, diminuindo, dessa forma, o distanciamento e a estrangeiridade dessa língua. Assim, entendemos que atuar comunicativamente na língua é prover o aprendiz/usuário de LI de um ensino que lhe permita a produção na LI e não apenas a reprodução de modelos representados pelo livro-texto ou pelo professor. Agir reproduzivelmente, apenas seguindo modelos de língua, é descaracterizar a partilha e o desenvolvimento discursivo presentes em situações reais de comunicação, haja vista que o discurso dialógico é sempre consubstanciado pelo surgimento da voz de um e da voz do Outro, constituindo uma permanente relação de dizeres. É nesse sentido que nos alinhamos ao questionamento proposto por Kramsch (1993), para quem a

ideia de modelos de língua são potencialmente fadados a uma perspectiva monológica, portanto, dissociada das trocas comunicativas fundantes de uma aprendizagem efetiva na língua do outro. Nesse sentido, a referida autora questiona:

[...] como os aprendizes podem tornar-se autores de suas próprias palavras além de apenas re-petirem as sentenças do livro texto, imitando as enunciações de seu professor (a), apropriando--se das frases de outros falantes? (KRAMSCH, 1993, p. 27).

Enuniação: o eu e o Outro na língua-alvo

Valendo-nos uma vez mais do princípio bakhtiniano percorrido até então, parece-nos legítima a apropriação desses preceitos como forma de compreender o eu e Outro na língua-alvo, elementos biunívocos que atuam nas engrenagens do sistema, dando-lhe sentido e concretude. Entendemos, desse modo, que é por meio da língua em ação, ou seja, é pela enuniação, que estabelecemos o processo de aprendizagem na LI. Assim, acreditamos que o processo enunciativo na LI dá-se apenas a partir da tensão interindividual presente nas diferentes vozes emanadas da interação comunicativa. A esse respeito, Bakhtin (2010, p. 132) afirma que: “A estrutura da enuniação é uma estrutura puramente social. A enuniação como tal só se torna efetiva entre falantes.” É, pois, a partir dessa afirmação que rumamos para um entendimento da produção na língua-alvo como sendo condicionada à permanente socialização do discurso, haja vista que o diálogo e a con-

sequente aprendizagem daí advinda apenas se fazem possíveis porque existem falantes (usuários/aprendizes) a “jogar” com a língua nas situações de interação da qual são autores. No dizer de Bakhtin(2010, p. 153), “A língua não é reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes”. Nesse sentido, a natureza dos processos enunciativos é sempre resultante da sociedade que se corporifica na língua e através de seus falantes (vetores sociais da interação verbal), a negociação de sentidos e a biunivocidade do discurso. Este raciocínio parece alinhar-se ao dizer de Bakhtin(2010, p. 127) que sustenta:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, re-alizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Como visto anteriormente, o processo de aprendizagem de LI apenas materializa-se na medida em que, agindo dialogicamente, o aprendiz/usuário desloca-se rumo ao discurso do outro, ouvindo e fazendo-se ouvir ao largo da interação verbal. No entanto, é justamente em torno da interação verbal que Otto Dietrich (1914 apud BAKHTIN, 2010) levanta um problema. Segundo Bakhtin (2010, p. 125), o problema a que se refere Dietrich “Toma como ponto de partida a crítica da teoria da enunciação como meio de expressão”. Referindo-se a Dietrich em torno da interação verbal como meio de

expressão, Bakhtin (2010, p. 127) comenta: “Para ele a função central da linguagem não é a expressão, mas a *comunicação*. Isso o leva a considerar o papel do ouvinte”. Nesse sentido, o de admitir o par falante/ouvinte como definidor da comunicação, discordamos da separação entre expressão e comunicação feita por Dietrich, alinhando-nos, desse modo, à lógica que institui locutor e interlocutor como interactantes em potencial e, portanto, como produtores do discurso. Desse modo, divisamos na dinâmica do discurso dialógico bakhtiniano a instância privilegiada onde a confluência entre falante e ouvinte traduz-se como o instrumento decisivo para a comunicação/expressão na LI.

A enunciação não nos chega, senão, pelo veículo do diálogo. É, pois, por seu intermédio que tornamos possível o desenvolvimento na língua-alvo, produzindo, para além de falas num outro código, um construto social e socializante, colocando-nos, portanto, como vozes do discurso. Desse modo, vemos na afirmação de Morson (1986) uma perspectiva análoga à que aqui tomamos e que ilustra a importância do diálogo no processo interativo na LI. Segundo o referido autor (1986 apud KRAMSCH, 1993), “Nós somos as vozes que nos habitam”. Isto posto, é preciso entender o diálogo como o manancial de onde extraímos as enunciações na LI, materialidade linguística que se converte como o objeto do ensino de língua estrangeira. Assim, tais elucubrações acerca do diálogo encontram em Bakhtin importante arcabouço teórico que nos auxilia, sobremaneira, na compreensão da interação verbal na sala de aula de LI. Embora o referido autor estabeleça o diálogo como algo mais amplo do que a interação verbal,

é esta instância que nos interessa para a compreensão da aprendizagem e produção na LI em sala de aula. A esse respeito, Bakhtin comenta: “O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal”. A compreensão bakhtiniana de diálogo (em seu sentido mais amplo) se espalha para além das referidas interações verbais. Para Bakhtin (2010, p. 127)

[...] pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (grifo do autor)

Considerações finais

Ao largo desse trabalho, buscamos o estabelecimento de uma perspectiva analítica em relação ao ensino-aprendizagem de LI, associando-a ao construto bakhtiniano de dialogismo discursivo. Dentro desse princípio, tratamos de conceitos seminais na área da teoria do discurso, tais como a perspectiva das interações verbais e a alteridade discursiva. Apoiando-nos em Mikhail Bakhtin e, secundariamente, em autores da área do ensino de línguas, versamos, majoritariamente, em torno da ideia de *Ego* e *Alter* na língua, transpondo-os ao nível das interações na LI. A interface aqui estabelecida abordou questões nodais relacionadas ao discurso dialógico e ao seu desenvolvimento no processo comunicativo dos aprendizes/usuários de LI. Assim, fizemos uma associação entre o sujeito discursivo tratado por Bakhtin e o sujeito que se lança na aprendizagem de uma segunda língua, isto

é, aquele que estabelece o diálogo na estrangeiridade da língua nova. Como resultado dessas incursões, tratamos da questão social como definidora do discurso dialógico entre falantes e ouvintes; locutores e locutários, além de abordar a noção de *scaffolding* dos estudos socioculturais, noção marcadamente associada à partilha discursiva, à interação dialógica.

Desse modo, buscamos ao longo do texto o estabelecimento de uma maior compreensão em torno da produção linguístico-comunicativa na LI, relacionando influências de diversos matizes, as quais variam desde a noção sociológica à questão discursiva, ambas iluminadas pela ótica bakhtiniana. A reflexão em torno destes elementos nos permitiu compreender os conceitos de língua, discurso e diálogo como elementos inextricáveis e, consequentemente, constitutivos daquilo que somos enquanto seres do discurso. Assim, faz-se precípua a reflexão acerca do ensino-aprendizagem de LI como dependente de um trabalho pautado no desenvolvimento de um diálogo efetivo na língua-alvo, ou seja, de uma perspectiva que, distanciando-se de modelos monológicos de língua, proporcione uma aproximação com a multiplicidade de vozes postas em circulação quando enunciamos. Entendemos que a vinculação exclusiva às sentenças e aos diálogos monocórdicos do livro didático, assim como ao modelo linguístico representado pelo professor, longe de promoverem interações genuínas na língua-alvo, apenas instituem um simulacro de língua e um silenciamento das vozes do discurso.

Referências

BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

ELLIS, R. **The study of second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

KRAMSCH, C. **Context and culture in language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.